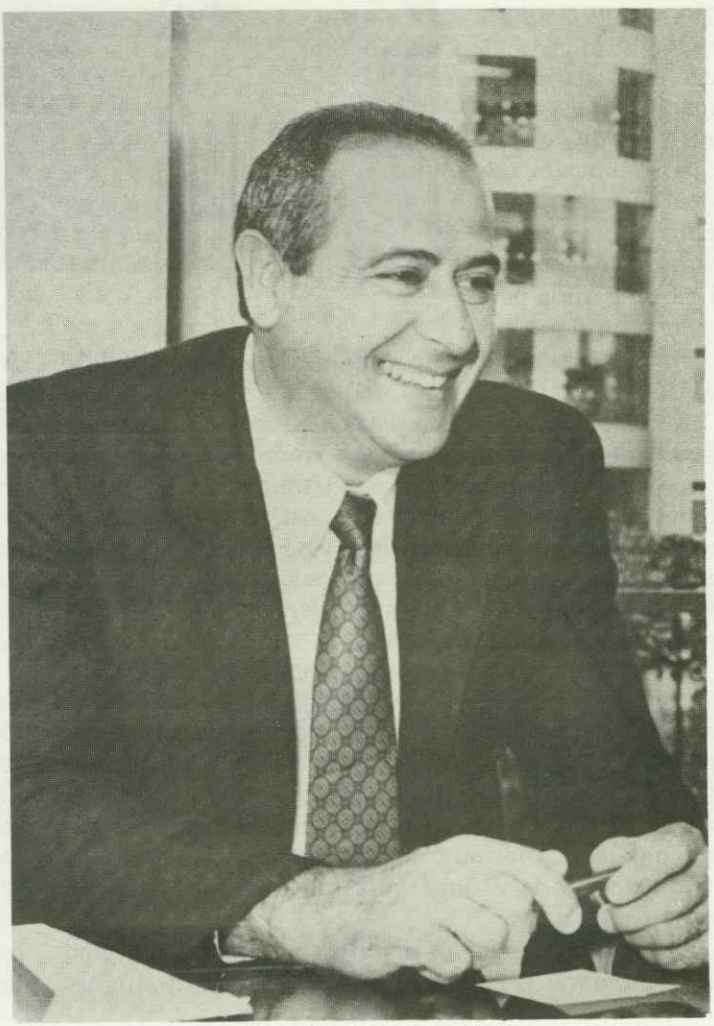
930

Romeu Queiroz

A teoria e a prática

O presidente da Assembléia saúda as promoções com a UFMG como passo para reunir o conhecimento científico e a prática política.

Na entrevista em que falou sobre o seminário "Passando o Brasil a Limpo" e os projetos de integração com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o presidente da Assembléia Legislativa, deputado Romeu Queiroz, observou que o mito da especialização transformou o Brasil num imenso laboratório, transferindo o poder de decisão para profissionais que, apesar de bem formados, não têm a visão do todo, a visão política do país. Para ele, é preciso aliar esse conhecimento do especialista à prática do político, com o objetivo de melhorar as condições de vida de todo o povo brasileiro.



– Qual a importância do seminário "Passando o Brasil a Limpo"?

Ele é parte de um amplo projeto com que a Assembléia e a UFMG querem discutir os grandes acontecimentos de nossa história para criar um espaço permanente de reflexão sistemática sobre o nosso modelo econômico, político e social. É uma espécie de ponto de partida para uma série de promoções destinadas a criar um ambiente permanente de reflexão e até mesmo produzir cursos e pesquisas para formação de conhecimento e recursos humanos.

– O seminário foi uma promoção conjunta com a UFMG. A Assembléia vem estreitando os laços com a Universidade em outros eventos. Qual o objetivo dessa aproximação?

De fato não é a primeira vez que as duas instituições trabalham em conjunto. Já tivemos outras promoções. O que nós e a UFMG podemos fazer na série de ações que pretendemos é ajudar na reflexão que cristaliza convicções e desencadeia ações. Nessa medida é que precisamos cada vez mais da cooperação de grandes especialistas de tradição crítica. À medida que vamos disseminando o conhecimento por um número cada vez maior de formadores de opinião ou de cidadãos comuns, estaremos ajudando a formar uma corrente poderosa de transformação.

– O senhor falou da importância da cooperação dos grandes especialistas. Essa contribuição não faz parte do cotidiano das relações entre a Universidade e a comunidade?

Internamente temos conversado muito sobre esse assunto, que é muito preocupante, da mal resolvida relação tecnocracia versus política. No Brasil, como no resto do mundo, vivemos neste século o mito do especialista, seja por causa das próprias inovações tecnológicas no processo de produção ou até mesmo por um tipo de clichê nos papéis sociais. Veja a medicina. Antigamente tínhamos o médico da família, o clínico geral, que tratava do avô, dos pais e dos filhos. Essa figura acabou e deu espaço para a geriatria, o pediatra e todo o tipo de especialistas. Mas há uma corrente forte na medicina que propugna a volta do médico de família como salvação para a medicina. Assim também é na organização social, onde existe uma classe política, formada de generalistas e uma tecnocracia, de especialistas, preocupados com as partes, os detalhes. Nos últimos 50 anos, pelo menos a classe política, assim como o clínico geral, foi perdendo terreno e a tecnocracia chegou ao auge do poder, com sérios problemas para uma visão mais global das coisas.

Precisamos cada vez mais da cooperação de grandes especialistas de tradição crítica

– A era dos especialistas está chegando ao fim?

De forma alguma, como não acho que a corrente da medicina que advoga a volta do clínico geral queira o fim dos especialistas. O que temos é que colocar as coisas nos seus devidos lugares. Nas últimas décadas, houve uma inversão de papéis que deu no que deu: bons profissionais, formados para assessorar, assumiram posições de mando e fizeram do país um grande laboratório para testar suas teses e teorias. Assumiram postos que deveriam estar nas mãos de políticos. Porque o político tem formação específica - pode e deve ter um diploma de faculdade - mas sua escola são os movimentos sociais, as comunidades, as ruas. E seu teste são as urnas, onde se medem sua liderança e representatividade, seu poder de empatia com segmentos da sociedade. O bom político é aquele que tenta entender o todo, não tendo que, necessariamente, ser especialista em coisa alguma.

A tecnocracia chegou ao auge do poder sem desenvolver uma visão mais global do mundo

– O papel dos especialistas seria, então, o de assessorar políticos?

Isso também. Nós políticos precisamos hoje, mais do que nunca, do concurso dos técnicos, dos especialistas. Como já disse, em princípio não precisamos entender de nada a fundo e em especial, até mesmo para evitar uma visão limitada. Mas temos que pegar os conhecimentos e informações trazidas pelos especialistas e alinhavá-los no sentido de melhorar as condições de vida de todo o nosso povo. Principalmente, numa hora como essa, em que todo o povo brasileiro quer passar o país a limpo.

O político deve unir o saber do técnico a uma prática que vise melhorar a vida do povo